

Um sonho dantesco: uma leitura de "O navio negreiro", de Castro Alves¹

A dantesque dream: an analysis of Castro Alves's "O navio negreiro"

João Pedro Lima Bellas²

RESUMO

O artigo propõe uma leitura do poema "O navio negreiro", de Castro Alves, que busca dar conta das imagens empregadas pelo poeta para lidar com as questões da escravidão. A abordagem terá como objetivo demonstrar que, para dar conta dos horrores engendrados pelo sistema escravocrata, o autor recorreu a uma série de imagens comuns ao Gótico literário. Além disso, será analisada com mais detalhe a imagem do mar, com vistas a compreender o seu significado no poema.

PALAVRAS-CHAVE: Castro Alves; Romantismo; Gótico; Mar.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of the poem "O navio negreiro", by Castro Alves, that attempts to understand the images employed by the poet to deal with the issues concerning slavery. The aim is to demonstrate that in order to handle the horrors caused by a slave-based society the author evokes a series of images common to those present in Gothic literature. In addition, the image of the sea will be analyzed in detail in order to understand its meaning in the poem.

KEYWORDS: Castro Alves; Romanticism; Gothic; Sea.

¹ Este artigo aprofunda as reflexões desenvolvidas, de maneira preliminar, na comunicação "Os elementos góticos de 'O navio negreiro', de Castro Alves", apresentada em 2017, no XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC.

² Doutorando em Literatura Comparada, com pesquisa intitulada *Do sublime ao medo cósmico: transformações de uma categoria estética no século XX*. Bolsista CAPES.

Introdução

Na segunda metade do século XIX, quando decorrida grande parte do Segundo Reinado, o conservadorismo das antigas oligarquias brasileiras passou a ser questionado pelos partidários de uma corrente progressista liberal, que viam na democracia dos Estados Unidos o modelo político a ser seguido. Eles propunham uma indústria livre, que era vista como o grande instrumento para que o Brasil pudesse se colocar no mesmo patamar das grandes nações capitalistas. Neste cenário, o passado tinha muito pouco – ou nada – a acrescentar aos olhos dessa nova geração, que apostava no futuro, enxergando nele uma promessa de modernidade. Esse anseio, contudo, precisou lidar com o desequilíbrio social gerado pela incômoda realidade do sistema escravocrata, diametralmente oposta às aspirações liberais desse período (cf. BOSI, 1992, p. 246). Esse choque ocasionou diversos movimentos abolicionistas pelo país, os quais, por sua vez, encontraram na literatura um importante porta-voz na figura de Castro Alves.

Considerado por muitos críticos e historiadores o último grande poeta de nosso Romantismo, Castro Alves produziu uma poesia dotada de uma poderosa eloquência, posta a serviço da denúncia da escravidão e da injustiça social. Na visão de Antonio Candido (2014, p. 583), o autor das *Espumas flutuantes* constitui, ao final do período romântico, um pilar correspondente àquele estabelecido, inicialmente, pela obra de Gonçalves Dias. Para o crítico, a força da poesia castroalvina decorre, em grande escala, de sua representação do conflito entre o homem e a sociedade, entre o oprimido e o opressor – uma formulação, portanto, do clássico tema do embate entre o bem e o mal. Vale ressaltar, entretanto, que a poesia de Castro Alves é marcada por uma dialética que implica uma compreensão da situação do oprimido, sobretudo, como um “episódio de um drama mais amplo e abstrato: o do próprio destino humano”, dando origem, dessa maneira, ao “maior episódio de literatura participante que o seu tempo conheceu” (CANDIDO, 2014, p. 583-584).

Tratando especificamente do tema da escravidão, a poesia eloquente de Castro Alves adquire uma dicção patética³ para dar conta do drama vivenciado pelos povos trazidos da África e escravizados pela sociedade brasileira. Com isso em mente, buscaremos, neste trabalho, analisar as imagens empregadas em "O navio negreiro" (1869), com especial atenção para a imagem do mar. São duas as hipóteses a serem verificadas: primeiramente, buscaremos demonstrar que o poeta, para dar conta dos horrores da escravidão, empregou uma série de recursos comuns à vertente literária do Gótico; em seguida, avaliaremos a importância da imagem específica do oceano, partindo do pressuposto de que a natureza romântica não configura um mero ornamento; pelo contrário, é quase sempre dotada de significado. Todavia, para tornar possível a realização de nossos objetivos, é necessário abordar, ainda que brevemente, o contexto em que Castro Alves escrevia, com vistas a explicitar as possibilidades expressivas que se encontravam à sua disposição.

As possibilidades de representação do negro no século XIX

Para entendermos mais profundamente o contexto do século XIX, é pertinente tomarmos como ponto de partida um contraste entre as condições da sociedade brasileira do período oitocentista e uma visão mais contemporânea acerca da temática da experiência do negro. Recentemente, em um artigo em que aborda a questão da memória do trauma perpetrado pelos navios negreiros e pelo sistema escravocrata de maneira geral, Conceição Evaristo afirma que

[...] como a memória é também fruto de uma construção, elegemos quais navios flutuarão nas águas de nossas lembranças. O belíssimo "Navio Negreiro" e as angustiadas "Vozes d'África", de Castro Alves (1976), cantos poéticos que ajudaram a conquistar simpatizantes para a luta abolicionista, não ressaltamos mais. Lemos esses, mas

³ Alfredo Bosi (1992, p. 249-250) contrasta a dicção eloquente e patética de Castro Alves, ao tom seco e objetivo adotado por Heinrich Heine no poema *Das Sklavenschiff* (1854).

sem cuidarmos da entonação. Nosso navio é outro, apesar de uma memória em tormento velejando em nossa história. (EVARISTO, 2013, p.163)

A partir de uma comparação com um poema de Solano Trindade, também intitulado “Navio negreiro”, a autora privilegia, em linhas gerais, uma poesia que, ao rememorar os sofrimentos causados pelos navios negreiros e pela escravidão como um todo, evoca um sentimento não apenas de angústia, mas, sobretudo, de consolação, utilizando, para tanto, o suporte do mito⁴. Nesse sentido, de acordo com Conceição Evaristo, apesar de terem cumprido um importante papel durante a campanha abolicionista de sua época, os versos castroalvins – que enfatizam principalmente a dimensão trágica e terrível dos horrores impostos aos africanos e seus descendentes pelo sistema escravocrata – não seriam mais adequados como representação da experiência e da condição do negro e, assim, não deveriam mais ser ressaltados nos dias de hoje.

Devemos, entretanto, sublinhar que a posição de Conceição Evaristo diz respeito a um momento histórico bastante específico, no qual a luta abolicionista deu lugar, entre outras coisas, a uma luta por representatividade e igualdade de direitos e também por uma valorização da cultura negra. Com isso em vista, precisamos atentar para essa diferença no momento histórico para que não fiquemos sujeitos a uma leitura anacrônica e limitada da poesia de Castro Alves. É pertinente, portanto, termos em conta o contexto em que o poeta escreveu para chegarmos a uma maior e mais completa compreensão das imagens empregadas em obras como “Vozes d’África” e, sobretudo, “O navio negreiro”, que será objeto de nossa análise.

De início, podemos contrastar a situação do negro com a do indígena brasileiro. Por um lado, o índio, praticamente extinto e, por isso, muito afastado do

⁴ No artigo, Conceição Evaristo trabalha especialmente com a imagem da divindade Kalunga, que representa tanto o mar como a morte. A autora afirma que muitos dos africanos, ao atravessarem o mar para serem escravizados, tinham a sensação de terem sido transformados em mortos vivos, uma vez que passavam pelo “espaço guardado pelo espírito da morte” (EVARISTO, 2013, p. 160-161).

cotidiano da vida urbana do Brasil oitocentista, foi explorado pelos primeiros românticos, de maneira mais ou menos geral, como um ser mítico⁵ que representava as glórias de um passado genuinamente brasileiro – mesmo que este se tratasse mais de uma construção literária do que, propriamente, de um fato histórico. Além disso, o índio representava também as principais aspirações da nação recém-independente que, em meados do século XIX, ainda estava em busca de uma identidade própria. O negro, por outro lado, estava muito integrado à sociedade brasileira da época, pela qual era escravizado e marginalizado, ocupando, por esse motivo, uma posição degradante e de inferioridade. Essa condição oferece um enorme obstáculo para a representação estética do negro pelo viés do belo. Nas palavras de Antonio Candido:

O índio, praticamente desaparecido da nossa vida, representava quase um mito; tendo funcionado como fixador de aspirações e compensações da jovem nação, tornou-se paradigma de heroísmo, uma das pedras de toque do orgulho patriótico. O negro, escravizado, misturado à vida quotidiana em posição de inferioridade, não se podia facilmente elevar a objeto estético, numa literatura ligada ideologicamente a uma estrutura de castas. [...]O negro [...] era a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda heroica. (CANDIDO, 2014, p.589-580)

Desse modo, o indianismo – em função do distanciamento histórico que permitiu a glorificação do índio – foi capaz de dar vazão a um sentimento de compensação para o povo mestiço da nação nascente. Em contrapartida, por se tratar da “realidade degradante” da sociedade brasileira oitocentista, a representação do negro, pelo viés do belo, só foi possível a partir de um branqueamento da figura do descendente da África. Por esse motivo, diversas

⁵ É importante, entretanto, fazer uma ressalva quanto ao indianismo romântico. Embora a idealização do índio seja uma faceta não apenas muito explorada como também feita hegemônica pela historiografia – sobretudo em função da influência de Alencar –, isso não significa que foram escassas as manifestações poéticas que se voltaram para o destino terrível e cruel dos povos indígenas, aproximando-se, dessa maneira, dos modos de expressão que discutiremos em nossa abordagem da poesia de Castro Alves. Nesse sentido, podemos destacar, principalmente, o indianismo de Gonçalves Dias, que contrasta bastante ao que observamos no romance histórico alencariano. Essa questão é discutida em maior detalhe por Alfredo Bosi (1992, p. 181-187).

obras que traziam escravos como protagonistas o faziam por meio da figura do mulato – um exemplo significativo é o poema "Mauro, o escravo" (1864), de Fagundes Varela.

Essa postura, apesar de ter possibilitado a inserção idealizada do negro na literatura, pouco contribuía para a causa abolicionista, uma vez que não tratava diretamente dos graves problemas do sistema escravocrata; ao contrário, apenas os atenuava. Nesse sentido, uma solução que se mostrou possível aos escritores que aderiram à causa abolicionista foi expor, de maneira enfática e eloquente, o problema social e os horrores causados pela escravidão⁶. Para isso, autores como Joaquim Manuel de Macedo⁷ e o próprio Castro Alves recorreram a elementos ligados a uma poética e visão de mundo comuns à vertente literária do Gótico – esta, por sua vez, associada principalmente à estética do sublime e não do belo –, investindo em imagens terríveis e em um campo semântico mórbido e obscuro. Estabelecido esse breve panorama das possibilidades de representação do negro no século XIX, é possível, agora, analisar de maneira mais detalhada o poema castroalvino.

Os elementos góticos de “O navio negreiro”

Para que possamos compreender e analisar o uso feito por Castro Alves de elementos góticos para representar os dramas e horrores da escravidão, é interessante considerarmos, antes, as relações mais gerais entre as manifestações literárias do Gótico e do Romantismo. Para isso, podemos traçar um paralelo,

⁶ Antonio Candido (2014, p. 590) ressalta ainda outros modos segundo os quais a literatura buscou lidar com o tema da escravidão, como, por exemplo, “o estudo de costumes”, caso de *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, e a “forma alegórica” adotada por Gonçalves Dias em sua *Meditação* (1849).

⁷ Macedo escreveu três novelas, reunidas no volume intitulado *As vítimas algozes* (1869), que tinham como objetivo descrever o problema moral de possuir escravos no lar. A estratégia do autor consiste em demonstrar o modo como algumas pessoas, em função do sistema escravocrata, praticavam atos atroz e monstruosos.

sobretudo, com a literatura romântica de língua inglesa, tanto pela influência que exerceu sobre Castro Alves⁸ como pelo fato de que suas relações com o Gótico são mais evidentes, uma vez que já foram objeto de estudos críticos mais detalhados. Nesse sentido, uma importante referência para a análise que aqui propomos são as reflexões de David Punter, que, em seu livro seminal para os estudos do Gótico, *The literature of terror* (1980), dedicou integralmente um capítulo para a análise da troca de influências entre as literaturas gótica e romântica.

Dentre outros motivos, a abordagem do pesquisador britânico interessa aos propósitos deste trabalho por tratar o Gótico menos como um gênero literário particular restrito à segunda metade do século XVIII e mais como uma tendência estética, uma forma na qual as mais diversas influências culturais se misturam (cf. PUNTER, 1996, p. 87). Por esse motivo, os principais autores da virada do século XVIII para o XIX, incluindo os poetas românticos, teriam sido influenciados, em maior ou menor grau, por essa tendência.

Punter chama atenção para o fato de que, nos estudos literários ingleses, prevaleceu a visão um tanto quanto pejorativa de que o Gótico teria sido um modo discursivo presente apenas na obra de juventude de poetas como Samuel Taylor Coleridge e Lord Byron, tratando-se de um estilo superado no período "maduro" da produção desses autores. Nesse caso, os estilos e temas próprios ao Gótico são tomados como materiais de treinamento poético, que teriam servido apenas para o aperfeiçoamento literário dos poetas românticos e que teriam sido abandonados posteriormente. Punter não ignora esse papel formativo das influências góticas na obra desses autores, porém, chama atenção para o fato de que elas não foram abandonadas pelos românticos, como os estudiosos nos levaram a crer, mas sim incorporadas à sua práxis, de modo a auxiliar na representação dos temas e questões que lhes eram mais prementes.

⁸ Além da importante influência recebida de Victor Hugo (cf. BOSI, 1992, p. 246), Castro Alves foi também fortemente influenciado por Byron, do qual não apenas foi leitor como também tradutor, para o português, de alguns versos do poeta inglês.

Dada a intrincada rede de influências que compõe aquilo que conhecemos como Gótico literário, as formas e estilos góticos que se fazem presentes no Romantismo são tão variadas quanto a noção de Gótico do século XVIII (cf. PUNTER, 1996, p. 88). A partir da análise da obra de autores como Shelley e Coleridge, Punter identifica cinco aspectos que seriam os mais significativos desse *Gótico romântico*: i) o interesse pela forma da balada; ii) o emprego de um estilo exagerado e de um campo semântico mórbido e obscuro; iii) o retorno de temas comuns à Graveyard Poetry, como a dor, o terror e a melancolia; iv) a presença do passado, sobretudo como uma indicação do caráter transitório das coisas; e, por fim, v) descrições que se enquadram no modelo do sublime formulado pelo filósofo Edmund Burke, fundamentado explícita e principalmente sobre a emoção do terror.

De maneira mais ou menos geral, seria possível observar, da parte dos poetas românticos, um interesse na potencial dimensão política do Gótico (cf. PUNTER, 1996, p. 89), e o estilo exagerado e o conteúdo imagético proporcionado por essa vertente seriam empregados para representar as ansiedades em relação à sociedade oitocentista: “[...] não há [nos poetas românticos] nenhuma motivação de mero sensacionalismo, mas, ao contrário, um uso do exagero gótico como um meio de representar o horror subjacente ao mundo cotidiano” (PUNTER, 1996, p. 91)⁹.

É precisamente essa dimensão política que interessa aos nossos propósitos. Como discutimos na seção anterior, a posição de degradação e inferioridade do negro na sociedade escravocrata do Brasil oitocentista dificultava a sua representação estética pela chave do belo. Dessa maneira, de início, podemos constatar que um modo de expressão literária associado ao sublime e não à beleza se mostra altamente profícuo para lidar com a situação do negro na poesia. Ademais, o estilo exagerado do Gótico apresenta-se como algo bastante complementar à dicção eloquente e patética visada por Castro Alves, tornando-se

⁹ As traduções de trechos em língua estrangeira são de nossa autoria.

um modelo quase que essencial para dar vazão aos seus ideais políticos de liberdade e justiça, sobretudo em sua poesia abolicionista.

Tratando especificamente de "O navio negreiro", cabe fazer um breve resumo de sua estrutura. O poema é composto de seis partes, e possui uma métrica que varia de acordo com o assunto tratado em cada uma delas. As duas primeiras consistem em uma representação do caráter grandioso do oceano, e da glória dos marinheiros e de suas respectivas nações. Tais descrições investem em uma retórica do sublime, ressaltando principalmente a ideia de infinito, que, conforme descrita por Burke (1993, p. 78), seria uma das principais fontes para uma experiência do sublime. Ao mesmo tempo em que canta as maravilhas do oceano, o eu-lírico contempla um navio sobre as águas, que parece fugir dos olhos do poeta. O caráter maravilhoso e majestoso do oceano é então contrastado com a representação do que se passa no navio. Tal contraste é explícito na estrofe única que compõe a terceira parte do poema, responsável por marcar a transição temática para os horrores do navio negreiro. As três partes subsequentes lidam diretamente com esta questão.

Por considerarmos a imagem do mar bastante significativa para o poema, resolvemos abordá-la separadamente. Sendo assim, na seção que virá na sequência, trataremos do contraste referido acima e tentaremos explicitar os possíveis significados do motivo marinho no poema castroalvino. Nesse primeiro momento, trataremos especificamente da maneira como Castro Alves representa os acontecimentos terríveis que se desenrolam no convés e no interior do navio negreiro.

Para dar conta de tais horrores, o poeta emprega um vocabulário repleto de imagens mórbidas, confusas e obscuras. Gostaríamos de destacar, especificamente, dois aspectos que nos permitem aproximar a obra do poeta baiano do Gótico romântico, tal qual descrito por Punter. O primeiro deles é o modo como é descrita a ação terrível que se desenrola no convés do navio.



Trata-se de um grupo de escravos que dançam ao ritmo das chibatadas dos marinheiros:

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar... (ALVES, 2001, p. 281)

A alusão a Dante não é de modo algum gratuita. A linguagem empregada nessa primeira estrofe estabelece a cena como um espetáculo infernal. Não à toa, o brilho do clarão ganha uma tonalidade vermelha e parece banhar o convés com sangue. O vermelho das luzes, por sua vez, contrasta com a pele escura dos escravos, que são chicoteados e forçados a dançar para o prazer de seus escravizadores. O caráter terrível da cena é intensificado logo em seguida, quando a descrição ganha um teor sobrenatural:

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doidas espirais!
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!... (ALVES, 2001, p. 282)

A potência da cena é, em larga escala, decorrente da descrição pouco clara da situação que se desenrola. Na formulação do sublime proposta por Edmund Burke (1993, p. 66-67), a obscuridade possui um papel essencial para que se possa ter uma experiência estética dessa ordem, uma vez que a incerteza potencializaria o terror da cena. Nesse sentido, mais uma vez comparada a um sonho dantesco, a roda de negros não é retratada em riqueza de detalhes, mas referida apenas como sombras, das quais ecoam as preces e maldições.

O segundo ponto que gostaríamos de ressaltar é a maneira como o passado figura no poema de Castro Alves. Nesse caso não se trata, como na maioria das obras góticas, de algo opressor que retorna para assombrar o presente ou, como no caso da poesia de Percy Shelley, de um símbolo da transitoriedade das formas de dominação. À moda de Keats (cf. PUNTER, 1996, p. 98), o eu-lírico de "O navio negreiro" representa o passado como um tempo perdido de glória e pureza:

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram – crianças lindas,
Viveram – moças gentis...
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus! ó choça do monte!...
... Adeus! palmeiras da fonte!...
... Adeus! amores... adeus!... (ALVES, 2001, p. 283-284)

As glórias do passado na África são evocadas também como um meio de potencializar a descrição dos horrores vivenciados pelos negros no presente, o que colabora para uma comunicação mais enfática da mensagem abolicionista do poema de Castro Alves:

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão...
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar... (ALVES, 2001, p. 284)

Na estrofe citada, a terra vasta e livre da Serra Leoa contrasta com o porão apertado, obscuro, sujo e infecto, e descrito aos moldes do sublime burkiano. As virtudes da caça e da guerra dão lugar à doença mortal da peste. Por fim, o sono



que antes era tranquilo na terra natal, agora é perturbado pela morte e pelo barulho dos cadáveres jogados ao mar.

Ao final do poema, o exagero gótico da dicção patética de Castro Alves atinge o seu ápice quando o poeta, completamente arrebatado pela atrocidade que mancha o caminho aberto por Colombo no oceano, faz uma súplica ao navegador para que feche as portas do que havia aberto em suas explorações marítimas:

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
[...]
...Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares! (ALVES, 2001, p. 286)

Os trechos analisados atestam, de maneira bastante significativa, o uso ostensivo, por parte de Castro Alves, de uma série de estratégias literárias que são comumente associadas ao Gótico e nos ajudam a compreender o porquê e a importância do emprego de imagens tão mórbidas e aterrorizantes. No Gótico, o poeta encontrou as ferramentas mais adequadas para que pudesse representar – e, mais ainda, denunciar – os mais terríveis aspectos da escravidão, podendo assim enfatizar a importância da campanha abolicionista. Uma vez esclarecido o uso de tais imagens, podemos abordar especificamente o significado da imagem do mar.

Uma tragédia no mar

Levando em consideração que os versos castroalvinos, em "O navio negreiro", têm como tema principal o tráfico de escravos, não é de se surpreender que o mar desempenhe uma função essencial no poema. E se buscarmos analisar a obra tendo em mente os aspectos mais gerais e basilares do Romantismo¹⁰,

¹⁰ Ainda que se deva atentar para as peculiaridades dos contextos específicos nos quais se desenvolveram as poéticas românticas, algumas características mantêm-se constantes

podemos afirmar que o oceano não se apresenta como um mero pano de fundo, mas, ao contrário, adquire uma importância poética por si só, engendrando significados próprios.

Assim como no caso das estratégias literárias que encontrou no Gótico, é provável que Castro Alves tenha se voltado para a natureza como um meio para explorar suas potencialidades políticas. Em "O navio negreiro", o mar apresenta-se como um leitmotiv, sendo a todo o momento evocado pelo eu-lírico, e os sentidos que ele expressa variam de acordo com o contexto das estrofes em que aparece.

De modo geral, a representação da natureza foi uma das principais ferramentas utilizadas pelos primeiros românticos em sua tentativa de construir, por meio da literatura, uma identidade nacional. Investindo em imagens evocativas da grandiosidade e pureza naturais, autores como José de Alencar e Gonçalves Dias apresentavam a natureza quase que intocada como um traço genuinamente brasileiro, utilizando, para isso, uma retórica do sublime (cf. BELLAS, 2018). Esse aspecto será recuperado por Castro Alves na composição de "O navio negreiro". Entretanto, ao fazê-lo, o poeta procura subverter o significado que era comumente associado à natureza pelos primeiros românticos. Daí o caráter idílico do mar nos versos que dão início ao poema:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – dourada borboleta –
E as vagas após ele correm... cansam
Como turbas de infantes inquieta.
[...]
'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?... (ALVES, 2001, p. 277)

Porém, o idílio é logo contrastado com os horrores que se passam no interior do navio negreiro:

independentemente do cenário das contingências sócio-históricas, dentre elas o modo particular como a natureza é representada e os significados que ela engendra (cf. SCHNEIDER, 2008).

Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil!... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! (ALVES,
2001, p. 280)

A natureza que outrora fora a morada idílica do índio americano torna-se, na poesia abolicionista de Castro Alves, palco de cenas horrendas e monstruosas que mancham a sua pureza. O poeta, como observou Alfredo Bosi (1992, p. 247), investe bastante nesse contraste entre a pureza e os horrores perpetrados pela sociedade escravocrata, e seus versos “dissociam francamente o mundo natural, visto como edênico, e o inferno social que a cupidez dos escravistas nele instaurou”.

Esse contraste é essencial para a proposta de Castro Alves, uma vez que a “desnaturalização” do mar, como definiu Antônio Carlos Secchin (2000, p. 56), permite a potencialização do terror transmitido pelas imagens trágicas que podem ser observadas no interior da embarcação que transporta os africanos para o continente americano, onde serão escravizados. Ele ainda é estabelecido em um segundo nível, no qual são comparadas as glórias de povos que desbravaram o mar e os infortúnios dos africanos. Dos gregos, por exemplo, diz-se: “Os marinheiros Helenos/ Que a vaga iônia criou/ Belos piratas morenos/ Do mar que Ulisses cortou” (ALVES, 2001, p. 280). Já os africanos, que, em suas terras, eram bravos e livres “guerreiros ousados,/ Que com os tigres mosqueados/ combatem” (ALVES, 2001, p. 283), passam pelo mar, escravizados e desumanizados, presos aos porões horríveis e infectos do navio negreiro.

O contraste, contudo, não é a única estratégia poética mobilizada por Castro Alves para potencializar o drama que descreve. Outro fator de suma importância para o efeito provavelmente almejado pelo poeta é a evocação do mar como um agente divino, que seria capaz de pôr fim à cena horrenda observada sobre ele. Nesse sentido, a falta de ação observada pelo eu-lírico, que lhe suplica

que, com suas ondas, destrua o navio, resulta na percepção de certa cumplicidade do mar, e, por consequência, da divindade, com o tráfico negreiro:

Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?... (ALVES, 2001, p. 282)

Uma vez que a súplica do poeta não é atendida pelo mar, ela é então dirigida, na estrofe final da obra, comentada na seção anterior, a Colombo, para que este feche as portas que havia aberto com suas explorações marítimas. Desse modo, como o mar não varre o navio com suas ondas, restaria apenas fechar a passagem, para pôr fim ao tráfico de pessoas.

Conclusão

A partir da leitura do poema "O navio negreiro" que empreendemos ao longo deste trabalho, é possível traçar algumas conclusões relevantes. Em primeiro lugar, propondo uma dicção eloquente e patética, Castro Alves encontrou nas estratégias literárias associadas ao Gótico ferramentas interessantes para dar vazão a seus ideais de justiça e igualdade e denunciar os horrores aos quais eram submetidas as pessoas que eram retiradas da África para serem escravizadas no continente americano. O estilo exagerado e inflado do Gótico, como pudemos demonstrar, ofereceu os meios adequados para dar conta do drama vivenciado pelos escravos e, desse modo, potencializar a mensagem abolicionista que Castro Alves intentava comunicar.

Do mesmo modo, a imagem específica do mar cumpre uma importante função poética na obra analisada. Ela possibilita ao poeta estabelecer um contraste que, assim como os elementos tomados de empréstimo do Gótico, permite



potencializar as imagens que pretendia denunciar, tornando a sua crítica mais contundente. Além disso, a natureza – representada, no poema castroalvino, pela imagem do mar – que havia sido explorada, pelos primeiros românticos, como um símbolo idílico que atestava a grandiosidade da nação que se formava, é posta em conflito com imagens que revelam uma condição social que se apresenta como uma mácula sobre esse pano de fundo outrora marcado por sua pureza. Por fim, o poema destaca também uma cumplicidade do mar com o horror do tráfico humano, subvertendo a escala de valor associada à natureza na produção de nossa primeira geração romântica. Castro Alves, portanto, ao empregar as estratégias analisadas ao longo deste trabalho, foi capaz de expor de forma contundente o quadro social de injustiça e desigualdades de sua época.

Referências bibliográficas

ALVES, Castro. O navio negreiro. In:_. *Espumas flutuantes e Os escravos*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 277-286.

BELLAS, João Pedro Lima. *A busca pela transcendência nos trópicos: o sublime no Romantismo brasileiro*. São Paulo, 2018. Dissertação de mestrado (Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1993.

CANDIDO, Antonio. Poesia e oratória em Castro Alves. In:_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 15 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014. p. 583-599.

EVARISTO, Conceição. África: âncora dos navios de nossa memória. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n. 22, 2013. p.159-165.

PUNTER, David. *The literature of terror: a history of gothic fictions from 1756 to the present day*. London: Longman, 1996, v.1.

SCHNEIDER, Helmut. Nature. In: BROWN, Marshall (Ed.). *The Cambridge history of literary criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, vol 5: Romanticism.

SECCHIN, Antônio Carlos. Um mar à margem: o motivo marinho na poesia brasileira do Romantismo. *Revista USP*, São Paulo, n. 47, 2000. p. 52-60.

Recebido em 14/05/2019

Aceito em 27/07/2019